



## A Revolução de 25 de janeiro de 2011, 5 anos depois – um balanço<sup>1</sup>

*The January 25th 2011 "Revolution", 5 years later – a Balance*

Mamdouh HABASHI<sup>2</sup>



Cinco anos após a grande rebelião chamada "A Revolução de 25 de janeiro de 2011", no Egito, um balanço é oportuno. Após este intervalo de tempo, estamos mais capazes para julgar os eventos. Agora, é óbvio que essa revolta é apenas o começo de um longo caminho revolucionário. Ainda há muito mais a ser realizado.

---

<sup>1</sup> Tradução do inglês para o português por Kenton James Keys e Eugênia Magna Broseguini Keys.

<sup>2</sup> Engineer, Member of the Polit-Bureau and Head of the International Office of the Socialist Popular Alliance Party SPA in Egypt. Vice-President of the World Forum for Alternatives (WFA). Board Member of the Arab & African Research Center in Cairo (AARC).

## A Contra-Revolução

**A** luta entre as massas se rebelando e o antigo regime é o destino de todas as revoluções na história. Esta rebelião tem mobilizado principalmente as forças da contra-revolução, tanto a força violenta e brutal, bem como o poder do pensamento delicado e estratégico, o que me refiro como a “classe pensante”.

No caso do Egito 2011, essa luta foi muito clara desde o primeiro dia. O Conselho Supremo das Forças Armadas (CSFA) tinha sacrificado Muhammad Hosni Said Mubarak para proteger ou mesmo salvar todo o regime da maior radicalização do movimento popular.

A liderança militar tem, de fato, saudado teatralmente com honras militares os mártires da grande revolução, mas ao mesmo tempo eles têm resistido severamente a quaisquer reivindicações deste movimento.

Toda realização só foi possível graças às missões de combate em massa. Duas manifestações com mais de um milhão de manifestantes em março de 2011 eram necessárias para derrubar o candidato do gabinete de Mubarak. Mais duas seguiram para prender os filhos de Mubarak e sua camarilha e trazê-los ao tribunal em abril. E pelo fato disso ter acontecido, essa onda revolucionária teve que continuar com o impulso inalterado até julho de 2011.

A máxima do CSFA foi, portanto; fazer concessões mínimas para as forças revolucionárias e reter o máximo das velhas estruturas de poder. Para que essa tática funcionasse, o SCAF entrou em uma aliança com o poder político, a única força na "classe", que de fato disputa o regime de Mubarak sobre a sua participação no poder, a Irmandade-Muçulmana (Muslim-Brotherhood) e todos os outros grupos do islamismo político.

Ambas as forças (CSFA e Irmandade-Muçulmana) estão compartilhando os mesmos interesses de classe. A Irmandade Muçulmana viu-se fortemente sub-representada nas estruturas de poder de Mubarak. Depois veio a sua oportunidade histórica, com esta aliança para aumentar significativamente a sua quota de poder político. Para isso, teria que controlar as massas em rebelião.

Para atender a essa revolução, o CSFA adotou duas táticas; por um lado, eles usaram a violência brutal contra os rebeldes na rua e, por outro lado, eles formaram uma aliança com a Irmandade Muçulmana, incluindo todos os seus outros grupos afiliados. Ambos os aliados tiveram a mesma atitude hostil para com a revolução. O CSFA envolveu a Irmandade Muçulmana no poder político, ou seja, muito mais do que durante o tempo de Mubarak, e em troca a Irmandade Muçulmana seria responsável pelo "arrefecimento" deste "calor" revolucionário intolerável nas ruas e, assim, restringindo todo o movimento antes que ele chegasse mais radical e causasse ainda mais "danos".

Apesar desta perigosa aliança profana, o movimento revolucionário provou, para o primeiro ano, ser forte e firme. O CSFA deu a Irmandade Muçulmana a comissão constitucional e o poder legislativo. No entanto, em fevereiro de 2012 chegou ao fim. A Irmandade Muçulmana começou a reivindicar mais poder, e assim terminou a fase harmônica desta aliança.

A Irmandade mulçumana não estava satisfeita de ter apenas o poder legislativo - ela queria o poder executivo também. Depois de muito conflito e com o apoio e a pressão dos Estados Unidos, passando de apenas quatro ministros no governo, até ter Mohamed Mohamed Morsi Issa al-Ayyat como presidente.

### **A luta contra A Irmandade Mulçumana**

A tática da Irmandade Mulçumana não deu certo por duas razões:

1. O apoio forte e aberto da Irmandade Mulçumana pelo Ocidente reduziu sua popularidade. O Ocidente estava - e talvez ainda esteja - convencido de que a Irmandade Mulçumana seja a melhor e mais sustentável proteção para os seus interesses na região. A Irmandade Mulçumana é definitivamente a melhor parceira do Ocidente, quando se trata da implementação de estratégias tais como "O Novo Oriente Médio", a fragmentação dos grandes Estados Árabes, que poderia, no futuro, se opor aos planos geoestratégicos ocidentais na região, que são, em primeiro lugar Iraque, Síria e Egito. Nestes planos, a Irmandade Mulçumana deve reinar sobre o novo califado islâmico, composto por uma variedade de pequenos Estados dependentes, os quais dependem do "gota a gota" e da graça do Ocidente.

2. O apoio incondicional do Ocidente fez a Irmandade Mulçumana tão arrogante. Lentamente, ela perdera contato com a realidade. Em primeiro lugar, ela já não aderiria aos acordos de partilha do poder com os seus aliados, o CSFA e todo o antigo regime, e, de repente, ela reivindica o poder total e absoluto.

A resistência do povo contra o domínio da Irmandade Mulçumana começou muito cedo, ou seja, com greves dos trabalhadores em agosto e setembro de 2012. Mas, após a declaração constitucional infame de Morsi, de 22 de novembro de 2012, em que ele próprio deu a regra absoluta sobre todos os três poderes do estado e também protegido contra este poder contra qualquer tipo de prestação de contas, tanto as forças políticas se moviam juntos por apenas um alvo claro: acabar com a regra da Irmandade Mulçumana. Estas duas forças eram forças revolucionárias do povo, por um lado, e os centros de poder do antigo regime (CSFA, burocracia estatal, etc.), por outro. Uma única e rara aliança, naturalmente temporária, entre o povo e um de seus inimigos. Ambas as forças tinham visto ou percebido a ameaça existencial da Irmandade Mulçumana.

### **Problemas após a segunda mudança de poder**

A complexidade desta situação criava estresse no campo revolucionário devido às grandes diferenças de opinião. Era uma questão de avaliação do maior risco. Para aqueles que acreditavam que a perda do estado era o maior perigo, a tolerância do antigo regime era a única solução. Outros, que achavam que o retorno da ditadura e do antigo regime era o maior risco preferiram ignorar o terror da Irmandade Mulçumana.

Ao contrário deste cenário de enorme esforço no campo da esquerda, as massas estão claramente do lado da sua liderança do exército (representado por Abdul Fattah Al-Sisi), pois eles foram vistos como os salvadores das massas do terrível destino sob da Irmandade Mulçumana. Com a queda de poder da Irmandade Mulçumana seu perigo foi relegado para o segundo

plano, o que não significa que esse perigo não existia mais. Este risco está longe de ser banido para sempre, porque ainda há muitas forças, dentro e fora, exercendo uma enorme pressão para o seu retorno, embora não da mesma forma. Isso mudou para o primeiro lugar a luta contra os perigos do antigo regime.

Muitas pessoas do campo revolucionário, especialmente aqueles que ainda são jovens, afundaram em desespero quando perceberam como o antigo regime recuperou a força e conquistou de volta seus bastiões perdidos nos últimos 5 anos, um a um.

Sua percepção superficial é: "Nada mudou!". Lenta, mas seguramente mais e mais pessoas deste campo perceberam como essa percepção é falsa e enganosa, porque a Revolução mudou as pessoas. Desde a queda da dominação islâmica estamos testemunhando uma nova longa fase e com certeza não é um processo retilíneo da revolução. As pessoas exigem apenas o cumprimento dos objetivos declarados de sua revolução "Pão, Liberdade, Justiça Social e Dignidade Humana", e de fato com a consciência recém-descoberta de auto-confiança; "Temos tirado do armário em dois anos, duas das piores ditaduras, podemos também deixar cair o terceiro e quarto!" Por enquanto, você pode ver diariamente, que os egípcios descontentes ameaçaram imediatamente, em grupos pequenos ou grandes, por suas demandas e com suas munições (tais como greve, de demonstrações, folhetos, mídia ... etc.) e também realizam ações.

É importante observar a diferença qualitativa entre as demandas sindicais puras (durante a Era Mubarak) e as exigências políticas desta nova fase do movimento. A única lição que ainda está faltando, e que as massas estão prestes a aprender agora e nos próximos anos, é a necessidade crucial da organização em escala nacional.

### **Egito, um velho/novo jogador na região**

O velho/novo regime no Egito irá se adaptar à nova situação. O regime no poder no Egito aprendeu duas lições durante esses cinco anos turbulentos:

1. O Movimento Popular tornou-se um fator na equação de forças de equilíbrio, o que não se pode mais ignorar no futuro.
2. Para a realização da sua estratégia, "O Novo Oriente Médio", os EUA estão exigindo muito mais do que uma simples dependência ou subordinação; eles não aceitam menos do que o abandono total do Estado. O forte apoio da Irmandade Muçumana pelo Ocidente aconteceu porque eles aceitaram exatamente isso, caso contrário poderia empurrar o Egito em um cenário como na Síria, Iraque, Iêmen ou Líbia, ou seja, as guerras civis intermináveis e brutalmente destrutivas.

Devido às lições aprendidas e a vontade instintiva de sobreviver, o regime teve que limitar a sua total dependência dos Estados Unidos para uma mera dependência econômica. Isto explica o papel do regime como um novo "jogador global" nas alianças ou eixos regionais e globais recém-formados.

O consenso geral entre o povo e os líderes militares após a queda do governo da Irmandade Muçumana, em 3 de julho de 2013, foi a formação de um estado civil democrático e moderno (ou seja, não militar e, especialmente, não com base na religião). Para este objetivo, o "Mapa do Caminho" ("Road Map") foi anunciado com as suas três fases como uma espécie de contrato entre as autoridades e o povo; Passo 1: adotar uma nova constituição, Passo 2: eleições parlamentares e Passo 3: eleições presidenciais.

Com uma participação eleitoral de 38,6% a Constituição foi aprovada por uma maioria de 98,1%, as eleições presidenciais foram antecipadas e a última - e mais importante - etapa teve que esperar até recentemente (a primeira sessão do Parlamento recém-eleito foi realizada em 10 de janeiro de 2016). Ao longo deste período, o discurso da "fundação do Estado civil democrático moderno" foi transformado em "preservação do Estado egípcio em tudo". As questões; qual país ou qual estado devem ser obtidos, foram mais e mais suprimidas. Pode-se dizer hoje com a consciência limpa; que o "Mapa do Caminho" aclamado há dois anos foi reduzido para a eleição do presidente, porque a Constituição aprovada em 2014 nunca foi respeitada desde então, nem na legislação nem no poder executivo.

### **O Estado profundo**

Por mais de 60 anos neste estado profundamente enraizado não se crê no papel dos partidos na política e na tomada de decisões políticas. Muitas características que são normalmente atribuídas aos partidos em um estado moderno, especialmente quando estes partidos estão no poder, são aqui considerados pelas autoridades do "poder" como a invasão de seus "direitos exclusivos". Estes órgãos de poder do Estado não aceitam que os partidos exerçam o poder, mesmo que eles carreguem o título de "partido no poder".

O Egito foi governado desde 1952 exclusivamente por órgãos de poder, tais como: presidência, gabinete, dos Ministérios da defesa e do Interior, inteligência, etc. Um partido no poder não tinha nada a ver com tudo isso.

Um rápido olhar para este legado difícil explica, em parte, o dilema dos partidos revolucionários ou até progressistas de hoje, ou seja, após o "terremoto" político de janeiro de 2011. Eles não apenas cresceram em uma sociedade que não tem, ou não tem vivido, numa cultura de partidos por três gerações, mas eles também estão lutando contra um aparelho de estado poderoso, profundo e hostil para afirmar-se e reivindicar o seu próprio papel na sociedade.

No dia 3 de julho de 2013, o "acordo" entre o Ocidente e a Irmandade Muçulmana no Egito estoura. A mudança de regime e a perda de poder do partido islâmico surpreendeu o Ocidente, quase como o colapso da União Soviética. A administração Obama - e, consequentemente, todos os países da União Europeia (UE) - insistiram em um boicote de um ano do novo poder no Egito com uma justificativa ridícula; que foi um golpe militar contra um presidente democraticamente eleito. Esse discurso não encontrou nenhuma credibilidade na população egípcia, porque a Era Mubarak havia moldado a percepção do simples egípcio assim, a democracia e os direitos humanos em nossos países nunca foram a preocupação do Ocidente.

Pragmático como sempre, os Estados Unidos - e por trás deles a UE inteira - teve de repensar a sua atitude para com o novo regime do Egito e logo após eles também fizeram uma reviravolta de 180°. Demorou um ano inteiro.

### **O golpe militar agora é bem-vindo**

Especialmente importante é a cooperação nas políticas de segurança, que foi enormemente expandidas desde o início de 2015. O objetivo principal da UE é estabilizar o Egito. A Líbia provou ser um bumerangue e agora o fluxo maciço de refugiados na Europa obriga a UE estabilizar o Egito. Bruxelas quer reduzir ainda mais a "imigração ilegal" e que só é possível hoje, se o Cairo estiver completamente envolvido. Assim, o cumprimento com as normas de direitos humanos é apenas mencionado brevemente, Sisi por sua vez é elogiado como um importante aliado na luta anti-terror.

A cooperação militar entre Egito, Espanha e Reino Unido parece ter tido um grande aumento desde o início do ano de 2015. Berlim, por outro lado está ativamente envolvido no reforço do setor da polícia. Para a UE, o objetivo aqui é integrar o Cairo na Fortaleza Europa. Até os contrabandistas estão agora na lista de alvos do governo no Cairo, assim como na Europa, porque a Europa treina e fornece os recursos necessários.

Esta linguagem também é falada pelos recentes acordos de armas. A França vende seus primeiros Rafales no exterior, o Egito terá 24 desses aviões considerados superfaturados e recentemente também recebeu um navio Mistral, depois que Paris já ter entregue uma fragata FREMM – antes da inauguração do projeto do Canal de Suez.

Economicamente, a máquina ainda não foi plenamente ativada. Embora as empresas europeias invistam em grandes projetos e tenham muito lucro, por enquanto, parece que o interesse da Europa no Egito é principalmente na política de segurança, enquanto o interesse americano é de natureza geoestratégica.

O interesse principal da Europa é a "estabilização" imediata do Egito para agir como uma fortaleza contra a "imigração ilegal". E em termos de segurança política (Veja Sinai e o Estado Islâmico) a Europa quer novamente reforçar a ligação entre o país e as suas políticas. Após a revolução de 2011 forçou um realinhamento temporário dessa política, isto é, a polícia, a cooperação militar e venda de armas. Espanha, França, Reino Unido e Alemanha desempenham um papel chave aqui, e há interesse particular vindo de Paris. Outro objetivo deste e de outros países (Itália) é que são susceptíveis de garantir os investimentos de empresas europeias no Egito, porque a economia da Europa tem muito a perder na região. A maioria dessas empresas e suas franquias egípcias pagam pouco ou nenhum imposto. Graças aos baixos custos salariais, as margens de lucro são, portanto, muito elevadas.

### **Nada aprendido**

As políticas econômicas de Mubarak, orientadas pelo neoliberalismo, foram simplesmente continuadas por Sisi. Ele não aprendeu nada, ou ele foi incapaz de superar seus medos. Sisi e seu governo contam com investimentos estrangeiros - claramente demonstrado através da designação do projeto do Canal de Suez como uma zona econômica especial. Os detalhes

exatos desta zona ainda não estão claros, no entanto, não seria surpreendente se mais uma vez o regime aqui tentasse atrair empresas estrangeiras com benefícios fiscais e medidas semelhantes. A expansão do Canal de Suez foi integralmente financiada com o capital do Egito, este não é exatamente o quadro inteiro. Durante a conferência em Sharm, março 2015, a empresa alemã Siemens anunciou milhões de dólares em investimentos no país. O campo de gás ao largo da costa egípcia também é passível de ser explorada por ENI, então aqui também os lucros estão fluindo para a Europa, o Egito não é principalmente o verdadeiro vencedor de tais projetos. Sim, de fato, a influência da Rússia e da China no Cairo está agora mais forte (ver o contrato para a construção do novo reator atômico na costa do Mediterrâneo com a Rússia e os muitos projetos de grande escala com a China), mas a influência de Washington e Bruxelas ainda é continuamente elevada e decisiva.

Nos últimos dois anos, temos ouvido falar muito sobre o maciço apoio financeiro para o Egito a partir dos estados do Golfo Árabe – Egito ainda depende mais ainda de um gotejamento do FMI e do Banco Mundial. No entanto, o interesse principal do Ocidente em relação ao Egito não é de natureza econômica, mas geo-estratégica. Para apoiar o Egito economicamente neste momento é apenas para servir e manter este objetivo global.

### **Mas o que a estabilização do Egito significa para o Ocidente?**

Isto significa apenas a continuação do curso neoliberal inquestionável, que foi implementado desde 1974 por Sadat, e teve continuidade desde então incessantemente. Esta política não pode sequer ser questionada, porque é a única garantia para a continuidade das relações de dependência entre o Egito e o Ocidente. Mubarak, CSFA, Morsi ou Sisi; nenhum deles quer admitir que é precisamente este curso que está causando tensão na sociedade. Ninguém quer admitir que este curso determina inteiramente tanto as políticas nacionais, como políticas internacionais e econômicas. Enfim, é a restauração de todas as estruturas do antigo regime, mas talvez com um novo "olhar", ou seja, ele deve ser "democrático", coisa que eu duvido fortemente. O comportamento e as medidas do regime Sisi durante os últimos períodos de eleições parlamentares e, posteriormente, mostram uma tendência clara no sentido de uma ditadura brusca. É por isso que o Ocidente e sua política para com todos os países da região do MENA deve ser contado entre as forças da contra-revolução.

Como o Ocidente é capaz de fazer isso é realmente muito fácil. O slogan levantado pelo Ocidente na nossa região atualmente é *قح داري هب ل طاب*, ou seja, "bom, com o qual mal se destina". Esta é uma expressão árabe antiga e amplamente utilizada. "Eleições Democrática" são as palavras-chave e, ao mesmo tempo, a armadilha de qualquer movimento popular. Aqui, o Ocidente insiste novamente em sua própria definição exclusiva da democracia, o que reduz a democracia a contagem dos votos na urna. Isso não tem absolutamente nada a ver com a melhoria da situação social e econômica das massas populares.

### **A situação hoje, cinco anos depois**

1. O Egito está exposto a um considerável ataque da contra-revolução. Esta onda contra-revolucionária é, ao mesmo tempo, a causa e a consequência das grandes perdas no padrão de vida da classe mais baixa, ou seja, a maioria. Essa classe agora liga a sua consciência polí-

tica confundida com a acentuada deterioração da sua qualidade de vida e, conseqüentemente, percebe a revolução como a causa direta.

2. O regime no Egito ainda está no processo de formação. As relações de poder ainda não estão claramente definidas. Ainda existem vários centros de poder que estão lutando batalhas ferozes invisíveis entre si, para assegurar sua parte do poder. Portanto, a governança é caracterizada pela gestão de crises, a crise do regime, que nem sequer é capaz de manter sob controle estas batalhas internas entre as facções.

3. Apesar dos muitos esforços do regime na guerra contra o terror, um fim a esta provação ainda não pode se prever. A razão é a política ambígua do regime nesta luta. Por um lado, todo mundo pode perceber o Islã político como a causa imediata de terror, por outro lado, ninguém quer continuar o processo de secularização, que foi iniciado no século 19. O regime está francamente impedindo esse processo.

4. A economia permanece no Egito igual no mundo inteiro, o pilar da crise social; desemprego como nunca visto, recessão, a desvalorização da moeda nacional, dívidas externa e interna desproporcionais, enormes carências nos balanços e orçamentos do governo, o aparelho do Estado paralisado, a desintegração de todos os serviços e segurança social, e corrupção que atinge todos os cantos da sociedade na medida em que o próprio Estado não é mais capaz de proteger sua propriedade.

Atualmente, os ataques à propriedade do Estado tornaram-se comuns. Ao mesmo tempo, o regime adotou, na ausência de parlamento, uma série de leis que restringem os direitos sociais e econômicos da classe mais pobre, e estas foram explicitamente consagradas na nova Constituição.

5. Sem dúvida, os egípcios deram as boas-vindas ao retorno da polícia depois do confronto sangrento com a Irmandade Muçulmana. Hoje os egípcios veem a polícia novamente como seu opressor.

6. Enquanto a maioria dos egípcios ainda percebem o seu exército como o salvador do terror da Irmandade Muçulmana, lenta mas seguramente, cada vez mais pessoas estão começando a perceber que seus militares já excederam as suas competências e que abusam de seu poder dia-a-dia. As pessoas não falam mais sobre as tarefas militares das forças armadas, mas apenas sobre os seus atos políticos e, sobretudo, suas ações econômicas, que, naturalmente, nunca poderiam ser sujeitas a qualquer responsabilidade.

7. Com a criação do novo Parlamento em Dezembro de 2015, o regime finge ter terminado o chamado "Mapa do Caminho" de 3 de julho de 2013, e, portanto, que ele tem cumprido todas as suas obrigações e compromissos. Isto está longe de ser verdade, porque a composição desse Parlamento é uma reminiscência dos parlamentos de Mubarak, embora a forma de manipulação tenha mudado ligeiramente de alguma forma. A baixa taxa de participação é a resposta inequívoca da população a esta manipulação (o número oficial é de 26%, enquanto observadores estimam menos de 10%). Essa execução formal do "Mapa do Caminho" não enganou ninguém, muito menos a maioria dos egípcios. O novo Parlamento, com certeza, não é um conselho de representantes das forças políticas na sociedade, mas sim uma associ-

ação de grandes empregadores, malabaristas financeiros, atos de corrupção e criminosos. Ele irá realizar mais desestabilização, ao contrário das esperanças do regime.

O perigo da crise atual no Egito, e na verdade em todo o Oriente Médio, provém do seu caráter dual. É a crise do regime dominante, mas também das massas, ao mesmo tempo. Por enquanto, podemos ignorar o encolhimento de legitimidade desses regimes, porque isso não é novidade. O curso econômico neoliberal inquestionável concentra o valor adicionado e toda a riqueza nas mãos de oligopólios cada vez menores e o que, portanto, agrava a polarização das classes na sociedade. Por outro lado, a consciência política das vítimas desta política, as massas do povo, em um nível, o que não lhes permite forçar reformas radicais – nem mesmo para exigir uma mudança de rumo. Portanto, a situação está se transformando cada vez mais em uma anarquia imprevisível.

A fim de reduzir o impacto dos movimentos populares e deixá-los morrer sem qualquer resultado, o Ocidente depende da continuação destas tendências anárquicas com a ajuda do islamismo político. Isso leva à transferência da luta dos oprimidos do mundo real para o mundo da metafísica e, portanto, ao mundo do ISIS, Al-Qaeda e as organizações similares... e quando isso acontecer, nós não devemos nos surpreender.